

O PIOR DOS DIAS

Regina Alvarez
Da equipe do **Correio**
Com agências

Ronaldo de Oliveira

A desvalorização do real não mexeu apenas com o bolso dos brasileiros. Mexeu com as cabeças. O país viveu ontem um dia de pânico e o governo finalmente resolveu investir firme na comunicação para acalmar a população. O presidente Fernando Henrique Cardoso e toda a equipe econômica desmentiram com veemência os boatos de confisco da poupança, moratória da dívida, novo pacote econômico e feriado bancário. Não foi suficiente. Principalmente em Brasília, alguns bancos ficaram lotados de clientes dispostos a sacar o saldo de suas contas, deixando muito claro que a mudança no câmbio não abalou apenas a economia, mas principalmente a credibilidade do governo. O fantasma do Plano Collor está de volta.

O mercado financeiro viveu um dia de extrema tensão e a cotação do dólar chegou a bater em R\$ 2,15, recuando no fechamento para R\$ 2,07. A taxa média do dólar comercial, divulgada pelo Banco Central, ficou em R\$ 1,9832. O governo identificou uma ação coordenada de especuladores para elevar seus lucros no fechamento dos contratos da Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F). A estimativa é de que os ganhos daqueles que apostaram na desvalorização do real chegaram a R\$ 3 bilhões. Os especuladores teriam usado como combustível os boatos de confisco da poupança e calote na dívida interna para engordar mais seus lucros, puxando para cima a cotação do dólar. Os negócios na BM&F se baseiam em prognóstico de como se comportarão os juros ou o câmbio, por exemplo, no futuro. Se a aposta coincidir com a realidade, o investidor lucra. Caso contrário, tem prejuízo.

O Banco Central voltou a elevar a taxa de juros do overnight — que serve de referência para as demais operações do sistema financeiro — numa tentativa de segurar a taxa de câmbio. Os juros passaram de 35,5% para 37% ao ano, mantendo a sinalização feita pelo BC no dia anterior, de aumentos diários de um e meio ponto percentual nas taxas.

FALHAS NA COMUNICAÇÃO

Governo se esforçou, mas não conseguiu acabar com rumores de feriado bancário

Não havia motivos concretos para o dólar disparar ontem, avaliam integrantes do governo, já que o fluxo cambial (diferença entre a quantidade de dólares que entra e que sai do país) esteve positivo durante todo o dia, ao contrário do que acontecera nas últimas semanas. Até às 20 horas, haviam entrado no país mais US\$ 57 milhões em relação ao que tinha saído. Mas prevaleceram os boatos.

As bolsas operaram em alta e, segundo analistas, não tiveram desempenho melhor exatamente pela onda de boatos e nervosismo que tomou conta dos mercados. A Bovespa fechou em alta de 2,30% e a Bolsa do Rio, com valorização de 4,16%. Ao longo do dia, a Bovespa chegou a subir 6,92% e a BVRJ se valorizou até 6,73%.



Malan procura jornalistas e nega calote e confisco: "Não teremos pacote de fim de semana, feriados bancários, medidas pirotécnicas ou soluções mágicas"

Acusado de falhar continuamente na guerra da comunicação, o governo arregaçou ontem as mangas para tentar convencer a sociedade de que a era Collor não está de volta. O primeiro a se manifestar foi o próprio presidente da República, que se mostrou indignado com os boatos. Ele esteve em São Paulo e em dois momentos do dia discursou procurando acalmar e esclarecer a população.

"Não haverá feriado bancário. Não há nenhum plano sendo elaborado. Eu não seria homem de fazer confisco, fechar contas correntes de repente. Seria uma traição ao povo brasileiro, ao meu passado, aos milhões de votos que recebi. Eu faço um apelo a esses boateiros, para que pensem no país. Tudo que estamos fazendo é às claras, com regras democráticas e muita confiança no Brasil. Peço aos brasileiros e brasileiras que não vão na onda de gente que quer atrapalhar o país. Que fiquem tranquilos, que não vai acontecer feriado nenhum. Não existe razão para precipitação, os bancos vão continuar abertos e os salários vão ser pagos", disse o presidente (veja detalhes na página 4).

Depois, foi a vez da equipe econômica. O ministro da Fazenda, Pedro Malan, reuniu seus principais assessores para repetir praticamente os mesmos argumentos do presidente e explicar porque não há hipótese de o governo dar um calote na dívida. "Não teremos em definitivo pacote de fim de semana, feriados bancários, medidas pirotécnicas ou soluções mágicas", prometeu Malan, negando também o confisco da poupança.

O ministro fez um apelo à população para que as decisões sejam tomadas com calma. "Nestes momentos, mais do que nunca, é preciso manter a serenidade, o sangue-frio, a firmeza de propósito, e não se deixar levar pelos sobressaltos e excitações", disse. "Momentos como este que estamos atravessando, de turbulência, incertezas e perplexidades de toda ordem, são momentos que mexem com os corações, com as mentes e com os ner-

vos, não só dos investidores, internos e externos, mas também — principalmente — do cidadão brasileiro, do trabalhador, da dona-de-casa, da população em geral."

Indiretamente, o ministro da Fazenda chegou a se referir ao Plano Collor, condenando-o de forma enfática. "Não existem circunstâncias que justifiquem tal tipo de violência contra direitos fundamentais dos cidadãos brasileiros, ainda mais quando aventuras desse tipo trazem consequências que levariam anos para ser dissipadas, como aprendemos com a experiência recente da história deste país. Isso prova que esse tipo de ação nada resolve", disse.

O presidente do Banco Central, Francisco Lopes, também fez a sua parte na batalha da comunicação. Reuniu correspondentes estrangeiros e em seguida os grandes jornais para fazer uma avaliação sobre o dia e explicar os rumos da política cambial. Aparentando calma, Lopes desaconselhou mudanças nos investimentos. "Quem está tirando dinheiro das aplicações financeiras está fazendo bobagem. Está ouvindo terroristas, gente

que não está entendendo o que está acontecendo."

Lopes disse que as filas nas agências bancárias são localizadas e que não estava vendo pânico. "Não temos indicação de nada preocupante. Pelo contrário. Os títulos da dívida externa brasileira estão subindo e a bolsa está em alta", argumentou.

O presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), Roberto Egydio Setúbal, também fez um balanço do dia e não se mostrou tão tranquilo, embora tenha negado que tenha havido corrida aos bancos. "Foi um dia terrível por causa dos boatos", declarou. Segundo Setúbal, a ida dos clientes aos bancos para sacar dinheiro ocorreu em pontos localizados, principalmente nas capitais como São Paulo e Rio de Janeiro. "O volume sacado é menor do que possa ser avaliado e não tem relevância, embora tenha ficado acima do normal", comentou.

CONFIANÇA NO GOVERNO

Setúbal diz confiar na equipe econômica e garante que não houve corrida aos bancos

Segundo o presidente da Febraban, as instituições financeiras conseguiram atender a todas as solicitações com os depósitos disponíveis nas próprias tesourarias. Ele recomendou calma aos clientes dos bancos e disse estar tranquilo e confiante na equipe econômica comandada pelo ministro Malan.

"O comportamento da equipe econômica tem sido absolutamente confiável nos últimos cinco anos, sempre marcada pela transparência", comentou Setúbal. "Infelizmente, a história do Brasil registra muitas surpresas, pacotes e barbaridades, como tablitais, congelamentos e confiscos, e os boatos acabam surgindo mais em função do que foi feito no passado do que da realidade presente." O presidente da Febraban afirmou que confia na capacidade do governo de transmitir confiança para os brasileiros neste final de semana. "Estamos vivenciando um momento difícil, mas não há nenhuma razão para dar crédito aos boatos", concluiu.

O governo tentou identificar a origem dos boatos sobre o confisco da poupança e os técnicos concluíram que até alguns bancos estariam contribuindo para disseminá-los. Chegaram à equipe econômica informações de que alguns gerentes de instituições financeiras estariam orientando os clientes a sacar seus saldos bancários para reduzir o estoque de depósitos à vista, sobre o qual é calculado o depósito compulsório recolhido ao BC no último dia do mês.

A equipe não tem qualquer reunião marcada para o final de semana, a não ser algum encontro informal com os técnicos do Fundo Monetário Internacional (FMI) que estão chegando a Brasília. Ficou acertado que não haveria reuniões exatamente para não fomentar ainda mais os boatos de novo pacote econômico e o anúncio de medidas na segunda-feira. O presidente do Banco Central viajou para o Rio de Janeiro e o ministro Malan permanece na cidade.

